

O serviço educativo dos museus e o espaço imaginativo das crianças¹

Maria Isabel Leite*

Resumo: Esta pesquisa acompanhou os setores educativos do *Solar Grand-Jean de Montigny*, com uma exposição de réplicas de Portinari, e do *Museu Nacional de Belas Artes*, com Salvador Dalí – ambos cariocas. No primeiro, as escolas agendavam uma visita guiada e, em seguida, com papel e lápis cera, crianças faziam o desenho da obra preferida. Na segunda, após livre visitação, crianças assistiam a um vídeo e depois, com lápis cera e papel ou massa plástica, representavam o que viram. Em que medida essas propostas estimulam o processo imaginativo? Foi levado em conta o repertório? Foi-lhes dada oportunidade de contemplação ativa? De dar asas à imaginação? Estabelecer sentido? Criar? O diálogo com autores, a observação dos mais de 3.000 desenhos infantis, entrevista com monitores e acompanhamento das visitas fizeram com que a pesquisa concluísse que o processo imaginativo está diretamente ligado às condições de apropriação e de produção oferecidas às crianças.

Palavras-chave: Arte, infância, desenho, imaginação, museu.

Abstract: This research describes the work of the educational service of the *Solar Grand-Jean de Montigny*, during exhibition of Portinari replicas and of the *Museu Nacional de Belas Artes* during na exhibition of Salvador Dalí replicas – both in Rio de Janeiro. At the former, after a tour, the children were invited to draw the picture they liked best. At the latter, following a self-guided visit, the children watched a video and, then, were asked to draw or to mold what they had seen. To what extent do proposals like these stimulate children's imagination? Is the children's prior knowledge taken into account? Are the children given the opportunity for active contemplation? For giving way to their imagination? For making sense of it? For creating? The dialogue with different authors, the observation of more than 3000 children's drawings, the interview with guides and the observation of guided visits led me to the conclusion that the imaginative process is directly related with the appropriation and production conditions offered to children.

Key-words: Art, childhood, drawing, imagination, museum.

* Doutora em Educação pela Unicamp. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e credenciada ao Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética – GEDEST/UNESC. Pesquisadora do OLHO/UNICAMP e do GEPIE/UFSC. isabeleite@unesc.rct-sc.br

1. Este texto foi baseado na minha tese de doutorado intitulada "O que e como desenhavam as crianças? Refletindo sobre as condições de produção cultural da infância" (FE/UNICAMP – 2001)

Esta pesquisa foi feita no Rio de Janeiro – a segunda maior cidade brasileira que, como um espelho do País, é cheia de contrastes. Apesar de ter grandes e bons museus, sua população desenvolve uma relação bastante específica com os bens culturais. Possuir uma arte popular de peso, não apenas na música ou dança, mas também nas artes visuais, não faz com que o acesso à arte ocidental, de maneira geral, seja simples, uma vez que os museus representam, de alguma forma, riqueza e opulência e não deixam de simbolizar toda a barbárie sofrida pelos conquistados nas mãos de seus colonizadores. Talvez por esta razão, mesmo entendendo que os espaços museológicos pertencem a todos os cidadãos, fazer com que as pessoas possam apropriar-se deles parece ser, até hoje, um desafio, uma vez que um dos mais importantes papéis do museu é apresentar o conhecimento acerca dos objetos culturais de forma crítica, estimulando seu diálogo com o público. Em tese, o direito ao acesso à cultura é garantido constitucionalmente; na prática, entretanto, é negado à maioria da população. A fim de minimizar esse problema e aumentar a presença do público, alguns dos maiores museus cariocas criaram, cerca de dez anos atrás, os primeiros serviços educativos. Em 1997 – quando de meu doutorado – poucos eram ainda os museus que ofereciam esse serviço, e cada um muito diferente do outro.

Colocada esta situação, a questão a ser por mim desenvolvida neste texto é: concretamente, de que maneira exposições em museus favorecem a formação cultural da criança e, mais especificamente, ampliam sua imaginação? Pretendo desenvolver este tema através da narrativa e análise de duas experiências que observei.

A primeira delas foi no Museu Nacional de Belas Artes, o maior museu carioca, com inúmeras obras nacionais e internacionais que, em 1998, promoveu uma megaexposição de Salvador Dali, nos mesmos moldes das que havia feito anos antes com Rodin e Monet. Durante “Dali Monumental”, o serviço educativo agendava visitas das escolas e, assim, milhares de crianças com seus professores foram ver as pinturas, esculturas, desenhos e fotografias. Não havia visita guiada, mas, ao final da visitação, as crianças dirigiam-se à “Sala das Crianças”, onde eram convidadas a assistir a um vídeo de 9 minutos sobre processo criativo em arte, elaborado pelo professor de um curso de desenho infantil. Depois, meninos e meninas dirigiam-se às mesas para desenhar a obra de que tinham gostado mais. Aqueles que preferiam, podiam fazer esculturas com massa plástica. Esses trabalhos tridimensionais eram imediatamente destruídos após a saída de seus autores, uma vez que o material deveria ser reutilizado por outras crianças logo em seguida. Os desenhos que fossem coloridos, preenchessem a totalidade da folha e mais

e foi apresentado no *1 International Conference on Imagination and Education*, em Vancouver, Canadá, em julho/2003, sob o título *Educational service in museums and children's imaginative space* e, em inglês, está disponível no site <http://www.ierng.net>.

se aproximassem da obra de Salvador Dali eram selecionados para enfeitar o mural da sala. Os demais eram empilhados no canto e, depois, jogados fora².

A segunda experiência que descrevo aqui ocorreu num pequeno centro cultural no interior de um *campus* universitário, o Solar Grand-Jean de Montigny, com uma exposição de réplicas de Portinari. Neste caso, o serviço educativo agendava visitas guiadas com monitores que tentavam, a duras penas, explicar cada quadro, seu significado, a intenção do autor, técnica, estilo, etc. Depois da visitação, as crianças eram convidadas a desenhar, mais uma vez, a obra de que mais tivessem gostado.

A questão que levanto é: podemos considerar essas duas experiências narradas como experiências estéticas? Elas realmente ampliaram o processo imaginativo das crianças? Eu gostaria de abordar esta questão, aqui, a partir de dois aspectos: da visita guiada e da sessão de desenho após a visitação.

Apenas a segunda experiência ofereceu a visita guiada. Defendo, porém, que, quando alguém é livre para ver, para guiar seus próprios olhos, seu olhar cresce; ele, ou ela, é capaz de fazer relações singulares entre aquilo que já foi visto antes e tudo o que está sendo visto pela primeira vez; pode organizar a visitação a partir do prazer, desejos, coisas que chamaram a atenção; pode, ainda, ficar tanto tempo quanto queira e considerar necessário na frente de uma obra específica, apenas contemplando-a. Vale ressaltar que o tempo é essencial para ampliar e dar corpo à imaginação. De outra forma, quando o monitor vai desenvolvendo a visita guiada, quase correndo, chamando atenção para aquilo que ele considera importante ou bom para ser visto, não permite que a visão da criança desabroche.

É fundamental dar o tempo e permitir que crianças vejam com seus próprios olhos, incrementando sua imaginação; caso contrário, as crianças não sentirão a experiência estética como singular e especial e não serão tocadas pelas imagens de diferentes formas – uma vez que o processo artístico é aberto, é essa possibilidade de experimentar esteticamente que faz o sentido da arte ser plural e múltiplo. Na medida em que eu interajo com uma obra de arte e estabeleço relação direta com ela, questões emergem, a curiosidade cresce e começo a desenvolver um novo desejo – preciso de informações, quero conhecer mais e mais... Nessa hora, é perfeito imaginar que vamos encontrar, no museu, uma pessoa, ou mesmo um bom material didático, que me possa auxiliar em minhas dúvidas. E, por isso, a frequência das experiências estéticas é, também, tão importante...

Com as visitas guiadas a que assisti, o processo era o oposto – o monitor, antes de tudo, dizia para as crianças suas próprias respostas, para suas perguntas pesso-

2. Por esta razão pude recolher mais de três mil desenhos de crianças durante o período de observação.

ais. As crianças eram induzidas pelos olhos do monitor; não lhes era facultado construir seu ponto de vista, mas aprender o dele. As associações e relações entre os quadros, ou mesmo entre os quadros ali expostos e outros, foram todas feitas pelo monitor.

Diante do quadro “Retirantes”, de Portinari, por exemplo, a monitora perguntava: “Quantas pessoas têm aqui?”. Algumas crianças de sete, oito anos, respondiam: “Cinco”. “Não”, ela corrigia. “Seis” – diziam outras crianças. Satisfeita (apesar de serem nove pessoas), apontava para uma das pessoas representadas no quadro e continuava as perguntas: “Isso é homem, ou mulher?”. “Homem”, responderam. “Não. Mulher. E está grávida”. Num grupo de crianças de cinco anos, ainda diante do mesmo quadro, depois de conduzir o mesmo tipo de questionário, outra monitora foi indagada por uma criança: “O que é aquilo no chão, ao lado deles?”. “São ossos. No Nordeste é tão seco, tão seco, que os animais morrem e viram osso puro.” “Isso é osso de quê?” – continuou outra criança. “Ah! Em Arte não é assim, não! Nós fechamos os olhos [várias crianças fecharam seus olhos] e imaginamos o que nós gostaríamos que fosse. Por exemplo, eu fecho meus olhos e imagino que seja o esqueleto de uma vaca”. De repente, uma outra criança fala em voz alta: “Eu acho que é osso de dinossauro!” – mas a monitora a corrigiu imediatamente: “Sem chance de ser de dinossauro! Naquela época não tinha mais dinossauro... onde você vê gente, não tem dinossauro, entende?”

Como podem tais propostas estimular a imaginação das crianças? Devemos guiar o olhar de alguém enquanto contempla? Houve espaço de fala, de diálogo? A monitora levou em consideração as experiências e conhecimentos anteriores das crianças? Tiveram essas crianças a oportunidade de contemplação ativa? Puderam desenvolver e fazer crescer sua imaginação? Se não, qual é o objetivo deste tipo de visitaguiaada?

O que observo é: o guia perguntava, as crianças respondiam, ele as corrigia; crianças perguntavam, outras respondiam, terceiras comentavam, o guia de novo as corrigia. Quando a monitora lhes disse que poderiam imaginar de quem gostariam que fossem os ossos – mas ao mesmo tempo desaprovava o desejo do menino de que seriam ossos de dinossauro – ela estava lhes mostrando que eles não sabiam das coisas; que seus pensamentos estavam equivocados. Todo o tempo parece que os monitores queriam fazê-los acreditar que há apenas uma forma de ver e compreender um quadro – o jeito *certo* – e assim, ao final dessa suposta experiência estética, as crianças poderiam entender que só é válida a *maneira correta* de contemplar uma obra. Sempre analisando-a pedaço por pedaço, sem uma visão total e particular sobre ela; sem aproximações e distanciamentos; sem estabelecimento de enlaces com seu repertório anterior.

O segundo aspecto que gostaria de analisar aqui é a sessão de desenho após a visitação. Quando falamos de dar oportunidade de as crianças produzirem após

uma exposição, a idéia me parece muito boa. O problema que vejo nessas duas experiências relatadas é que ambas pedem para a criança desenhar, necessariamente, o quadro de que mais gostaram daquele pintor visto. E dessa forma, indago: Para quê? Por quê? Querem checar se as crianças prestaram atenção à exposição? Por que meninos e meninas deveriam copiar os pintores? Por que não poderiam desenhar aquilo que desejam – considerando, inclusive, a hipótese de que quisessem mesmo desenhar como o pintor...? Ou, ainda, que não quisessem desenhar nada? Só porque eles foram ao museu quer dizer, necessariamente, que as crianças passam a desejar desenhar aquilo que viram por lá? A visitação, por si só, deflagra esse desejo por desenhar? E, especificamente, faria com que sonhassem desenhar *exatamente como* aquele artista? Será que esse tipo de instrução dirigida para desenhos amplia o processo imaginativo? Ajuda as crianças a dar significação a uma experiência visual?

Entendo que dar oportunidade às crianças para que desenhem é uma boa coisa. Entretanto, a criança deveria poder escolher o que, como e quando desenhar. Na exposição de Portinari, às vezes, a monitora chegava a escolher que quadro ou objeto os meninos e as meninas deveriam copiar. Contrariamente, sugiro que sejam estimulados a expressar suas próprias linhas e cores. Minha posição é particularmente contrária a monitores dizerem às crianças o que tem de ser desenhado, com o material já especificado e separado, com a folha de papel previamente posicionada na mesa – alguns na posição horizontal, outros na vertical –, exatamente no momento em que os monitores decidem que é hora de desenhar, determinando, ainda, quanto tempo as crianças têm para executar a ordem! Como pode ser isso? Apenas as crianças podem saber se terminaram, ou não, seus desenhos! Em outras palavras: o desenho, nessas experiências narradas, foi totalmente dirigido pela equipe de monitores: o tema, o material e o tempo de execução. No “Dali Monumental”, quando as crianças desenhavam outras coisas, a despeito das direções recebidas, ou mesmo quando faziam um desenho claramente inspirado em uma obra de arte vista, mas carregando-o de um caráter mais pessoal e autoral, suas produções não eram selecionadas para o mural.

Este é um outro ponto: quando a equipe de monitoria da exposição de Salvador Dali escolhe “os melhores” para mostrar nas paredes da “Sala das Crianças” – significando aqueles que tenham melhor copiado o artista espanhol, usado cores e todo o espaço do papel –; quando o monitor, mesmo discretamente, joga fora os demais desenhos e destrói as esculturas; ou mesmo quando as crianças são apressadas a terminar aquilo que estavam fazendo, tudo isso quer dizer, subliminarmente, que suas produções autorais, suas criações pessoais, aquelas que verdadeiramente refletem seu processo imaginativo, não são tão importantes. Sublinho que, para criar algo, é preciso curiosidade; tempo; espaço; constância; oportunidades para experimentar; opções; segurança; tranquilidade; liberdade; respeito... Em última

instância, a abordagem usada pela monitoria contribui mais para a formação de pessoas que reproduzem imagens mecanicamente, do que para a formação de sujeitos criativos e imaginativos. Assim sendo, as aparentemente inofensivas e pequenas ações dos monitores podem ser, até mesmo, prejudiciais ao processo imaginativo das crianças.

Em minhas pesquisas, vejo que o processo imaginativo depende, basicamente, de dois aspectos: apropriação e produção. Oferecer experiências estéticas significativas às crianças é fundamental – tudo o que vêem, tocam, ouvem, cheiram ou provam amplia seu repertório. Crianças precisam freqüentar diversos museus; acessar livros de arte de qualidade; viajar para diferentes lugares; ter a oportunidade de trocar idéias com inúmeras pessoas; experimentar variadas linguagens artísticas, como música, literatura, dança, teatro, etc.; e, ainda, ter materiais disponíveis para que possam tentar, tentar, tentar de novo, transformar, destruir, criar outro, começar de novo, transformar mais uma vez... tanto tempo quanto sintam necessidade, tendo respeitado o seu tempo para criação e, sobretudo, o seu produto como uma expressão pessoal e singular. O processo de apropriação e produção são os dois pilares da imaginação nas artes visuais, lembrando que, quanto mais linguagens puderem acessar e conhecer, melhor será.

O diálogo com diferentes autores, a observação de mais de três mil desenhos, as entrevistas com monitores e a observação das visitas guiadas que fiz nesta pesquisa levam-me a concluir que urge uma mudança nos processos de aproximação das crianças com as obras de arte em alguns museus brasileiros: deveríamos falar menos, escutar mais, deixar que as crianças observem, dêem opinião, perguntem, estabeleçam relações. Só uma experiência estética significativa é capaz de fomentar o desenvolvimento da imaginação, levando as crianças a fazerem produções mais elaboradas e originais, uma vez que o processo imaginativo está diretamente relacionado às condições de apropriação e produção cultural oferecidas a elas.

Pensando dessa forma, minha preocupação hoje em dia é: como um professor, ou monitor, que não viveu experiências estéticas significativas e não tem suas expressões reconhecidas, pode oferecer essas oportunidades às crianças? Como podem mediar a relação da criança com a Arte? Em 1999, Maria Cristina Carvalho (In: Leite, 2001) entrevistou, também no Rio de Janeiro, algumas futuras professoras sobre suas experiências em museus. Suas falas apontaram: “Eu odeio aquelas coisas assim, estátuas... Nossa! Odeio aquilo! Não vejo nada de bom naquilo”. Ou uma outra falando mais especificamente: “Eu não entendo o Rodin: são imagens sem braço... sem perna...”. É sabido que não se pode dar o que não se tem. Por essa razão, batalhar por uma formação cultural e plural para professores e monitores, com experiências ricas e significativas, é a chave – a chave que pode abrir o desenvolvimento do processo imaginativo de crianças nos museus – e tem sido meu desafio permanente de pesquisa desde o doutorado.

Referência bibliográfica

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *O que e como desenham as crianças? Refletindo sobre as condições de produção cultural da infância*. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas/SP.